

NEM VIRIS, NEM FEMININAS. APENAS COMPUTADAS...
CULTURA BRASILEIRA E ESTUDOS DE GÊNERO: INTERFACES ATRAVÉS DA
SUBVERSÃO DE GÊNERO NO MOVIMENTO TROPICALISTA

Fernando Luiz Salgado da Silva¹

O trabalho relaciona a teoria da performatividade de Judith Butler com o movimento tropicalista, com especial atenção às nuances subversivas de gênero presentes nas apresentações de artistas da tropicália, tais como Caetano Veloso e grupo teatral Dzi Croquettes, bem como aquele influenciado pela tropicália, por exemplo, Ney Matogrosso. A partir de uma descrição narrativa das performatividades de gênero neste movimento artístico e de um breve histórico sobre o conceito de performatividade, como repetições subversivas de gênero, intentamos um exercício de reflexão sobre os alguns dos padrões normativos e conservadores presentes na cultura brasileira. Assim, utilizamos um exemplo do final da década de 60, a fim de observar que ainda assumimos posições muito rígidas de gênero, e, conseqüentemente, de sexualidade.

Neste movimento, estavam presentes os elementos do *rock*, como a guitarra, os shows teatrais, além da estética inovadora e transgressora, como nas capas de LPs, característica desta cultura importada. “E os tropicalistas assumem radicalmente o palco, encarnando publicamente, através de diversas máscaras e coreografias, o sincretismo que realizam entre os vários gêneros musicais. Guitarras elétricas, incorporadas do rock, convivem com a sonoridade kitsch dos violinos e com o berimbau da música regionalista”.(NAVES, 2000).

A estética Tropicália apresentava-se em performances e estilos de roupas ousados que desafiavam as visões de gênero presentes na sociedade brasileira da época. “Caetano e Gil foram totens humanos que transpiravam mensagens fortes em cada poro. Encarnaram aquela mudança profunda da vida cotidiana que seria chamada de revolução nos costumes. Influenciaram a juventude na aparência – o corte de cabelo, a roupa –, pela maneira de encarar o sexo e pensar o futuro.”(VELLOSO, 2002)

¹ Graduando de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e Pesquisador do Núcleo MARGENS – Modos de Vida, Família e Relações de Gênero

Vira, vira, vira homem, vira lobisomem... “*Nem viris, quanto femininas -(ou, se preferir, tão viris quanto femininas).*” Peter Fry & MacRae

Para Fry & MacRae (1984) “é interessante observar como o questionamento dos papéis sexuais pode ser transformado em produções artísticas legítimas e amplamente ‘curtidas’”. Assim, grupos musicais como Secos e Molhados, Dzi Croquettes e o cantor Caetano Veloso, surgem na cena brasileira adotando um visual andrógino representando um questionamento da masculinidade vigente na época. Para Green “no campo cultural, os cantores de MPB, como Ney Matogrosso e Caetano Veloso, projetavam uma imagem andrógina e insinuavam sua bissexualidade ou homossexualidade” (2000). Além disso, o autor afirma que foram estas mudanças no comportamento, as responsáveis pela antecipação da emergência de um movimento homossexual “politizado” em nosso país.

Quase simultaneamente surgia nos palcos um grupo de rapazes estranhíssimos, que se chamava “Dzi Croquettes”. Apresentando um espetáculo de dança e humor, combinando de forma inusitada barbas cerradas com cílios postiços, meias de futebol com sapatos de salto alto e soutiens com peitos peludos, eles levavam as ousadias de Caetano até -(quase - às últimas conseqüências. O show, um imenso sucesso, começava com a declaração: “Nós não somos homens, nem somos mulheres. Nós somos *gente*, computada igual a vocês!”, e continuava entre trejeitos e micagens nem viris quanto femininas -(ou, se preferir, tão viris quanto femininas - num deboche apoteótico dos papéis sexuais convencionais (FRY & MACRAE, 1984). Outros grupos trilhavam caminhos parecidos, como os “Secos e Molhados”, cuja figura mais expressiva, Ney Matogrosso, continua na mesma linha, ainda que hoje choque menos que antes.

TEORIA DA PERFORMATIVIDADE E SUBVERSÃO DE GÊNERO “Nós somos gente, computada igual a vocês!” (Caetano Veloso)

A teoria da performatividade se baseia na reiteração de normas que são anteriores ao agente e que, sendo permanentemente reiteradas, materializam aquilo que nomeiam. Assim

são as normas reguladoras do sexo, são performativas no sentido de reiterarem práticas já reguladas, normas ou um conjunto delas, materializando nos corpos, marcando o sexo, exigindo práticas mediante as quais se produz uma “generificação”. (Miskolci & Pelúcio, 2007. A repetição cômica das normas as desnatura e as subverte: “Ao imitar o gênero, o (- ou a drag - drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero – assim como sua contingência.” (BUTLER, 2003.)

NEM VIRIS, NEM FEMININAS. APENAS COMPUTADAS...

Essas performatividades andróginas nada mais são, que repetições subversivas de gênero. **Subversivas**, pois contrariam o gênero relacionado ao seu sexo biológico e todas conseqüências culturais que significam esse, no caso, “sexo masculino”. Conforme Fry & MacRae (1985), Caetano estava pondo em questão, entre outras coisas, a rígida separação entre o comportamento convencional “feminino” e “masculino” e, talvez mais sério para a época, a rígida separação entre a política e a vida cotidiana. E **repetição**, pois reitera signos de feminilidade com colares, brincos, trejeitos delicados e estereotipadamente “femininos”, conforme traz Butler (2003), quando recupera a metafísica da substância, tem, como efeito, a impossibilidade da não-repetição dos construtos culturais do gênero. O que podemos fazer, é repeti-lo, porém de forma subversiva. A subversão sempre guarda dentro de si, um pouco das afirmações anteriores e pressupostas dos gêneros em questão, isso existe sem retirar o aspecto transformador destas.

Assim, as subversões de gênero proporcionaram um questionamento dessas normas, através da flexibilização dos códigos de vestuário do homem e da mulher -o estilo unissex confundia as distinções entre as roupas masculinas e femininas - e, conseqüentemente, ocorre também a desnaturalização dos atributos físicos de homens e mulheres, provocando então, um maior trânsito fluido dos sujeitos por estes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero; feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Miskolci, R. & Pelúcio, L. **Fora do Sujeito e Fora do Lugar: Reflexões sobre Performatividade a partir de uma etnografia entre travestis.** UFSCar, São Paulo. 2007

NAVES, Santuza Cambraia. **Da bossa nova à tropicália: contenção e excesso na música popular.** *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 15, n. 43, 2000. Velloso, Beatriz. **Música - Lições da Idade.** ed. 220. 2002